#### 

Volume 6 2012-2019

# planeta chrys

****

#### 509. (maria nobody, à maria nini, madalena do pico, 9 ago. 2011

maria nobody

de todos ninguém

de alguém

de um só

maria nobody

com body de jovem

maria só minha

assim te sonho

assim te habito

maria nobody

de todos ninguém

maria nobody

mãe

amante

mulher

minha maria

maria nobody

de todos ninguém

nem sabes a riqueza

que a gente tem

maria nobody

de todos ninguém

maria só minha

dos filhos também

maria nobody

mais ninguém tem.

#### 563. quando morrer, 4 dez 2012

quando eu morrer

não declare nada

que eu não tivesse dito

não elogie nem critique

quando eu morrer

não vá ao meu velório

nem mande flores

escreva uma frase lapidar

e publique-a

quando eu morrer

faça uma festa

leia um poema meu

beba um bom champanhe francês

fume um cubano

seja politicamente incorreto

como eu seria

quando eu morrer

sem ver luz ao fim do túnel

vou esquecer muitas coisas

mas pedirei à minha mulher

que me construa novo taj mahal

#### 564. polir sóis com uma peneira 25 dezembro 2012

polir textos é como arear pratas

dissipa-se a sujidade

mas o fulgor que resta

cintila com menor valia

polir amizades é como sacudir o pó

com a gentileza de uma pena

nada se perde nem se transforma

basta um gesto, um telefonema

uma sms, uma mensagem

talvez apenas um like no facebook

como se fosse natal todos os dias

polir matrimónios é complicado

questão de sorte e perícia

em panos de fina seda

como limar diamantes em bruto

pode quebrar a agulha ou o casamento

e em vez de 24 ficam 6 quilates

polir países é arriscado

as limas devem ser amoladas

à prova de lóbis e desgovernos

cortam-se as esquinas angulosas

talham-se as aparas mais finas

em areias de fina brancura

é como ir ao alfaiate do tempo

encomendar um fato por medida

para dar com a cor do cabelo

ir ao barbeiro do futuro

fazer a barba que não se tem

e há o risco de cortar o país todo

talhar pessoas

trinchar tradições

sem memória

nem história

serrar distritos, fender concelhos

encurtar fronteiras até ao mar

até finar portugal em praias e arribas

polir palavras é bem mais fácil

corta-se uma folha de papel em a4

verifica-se a tinta nos tinteiros

gravam-se carateres como granito

basalto, quartzo ou ametista

lavram-se sulcos como rios

erguem-se sombras como montanhas

sombras de marés vivas ou mar chão

deixa-se a marinar em banho-maria

leva-se ao lume brando com pitada de sal

junta-se pimenta a gosto e louro e basilicão

retira-se do fogo e serve-se a gosto

sempre ansiei ser poeta

navegar em utopias

escrever cardápios de vida

imensos e belos como o oceano

livres e úteis como o ar

na solidão dos mares açorianos

#### 571. cântico quântico, 1 abril 2013

se os escritores soubessem física quântica

saberiam como as suas obras se disseminam

uma partícula associada à sua antipartícula

um anti-b-mesão associado ao b-mesão

mas deteriorando-se mais depressa que o b-mesão

no meio da maléfica antimatéria

vagueando pelo universo pluriverso

se os escritores soubessem física quântica

viveriam todos nos açores

pois é aqui que o alter ego é a chave

da maior questão da existência

como nasceu e como vai morrer

este nosso universo

#### 572. dezoito anos depois (à ni), 3 abr 2013

quando te conheci

cheiravas a flores silvestres

hoje sabes a frutos maduros

entretanto houve primaveras nos olhos

e outonos nas mãos

os sois que passaram não encobriram as nuvens

e as luas que despontaram não pararam as marés

os eclipses foram sempre fugazes

como esta vida que prolongamos

enquanto nos deixarem viver

#### 583. dia da mãe #2, 5 maio 2013

maria nini de todos mãe

hoje é o teu dia

de filhos e filhas

do marido também

quem não te sabia

mãe destas ilhas

de quem te quer bem

maria nini de todos mãe

dizem que mãe não tem rima

é claro que rima tem

com carinho e amor

com este poeta também

com sofrimento e dor

com beijos e lágrimas

emoção e alegrias

mãe é cheia de rimas

mulher das minhas folias

maria nini de todos mãe

cheiras a coco

sabes a morangos

nascida em lisboa

casada em sydney

trabalhas açorianidades

neste mundo oco

cheio de djangos

maria nini de todos mãe

distribuis felicidades

#### 588. as 4 idades do homem (revisitadas), 24 maio 2013

adoro as quatro idades do homem

infante de sonhos húmidos

mil e um futuros sem pressas

adolescente de sonhos psicadélicos

a pressa do futuro que se pode perder

a meia idade de sonhos pesadélicos

com a lentidão de quem viveu

a necessidade de contemplar o vivido

reviver conquistas esquecer amarguras

na última etapa sem sonhos délicos

sem medos e sem futuro

esperando encontrar a alma

sem alzheimer nem demências

#### 590. a alma dos poetas, 3 junho 2013

não sei da alma dos poetas

nem mesmo da do ramos rosa

não conheço o cheiro da poesia

nem mesmo do nuno júdice

nem sei a cor de qualquer verso

nem mesmo do alexandre o’neill

perco-me em maiakovski

visito o uivo de allen ginsberg

por entre as denúncias de daniel filipe

e os alertas de lawrence ferlinghetti

não sei da alma dos poetas

não sei nem dos poetas

emigraram todos desgostosos

fugiram envergonhados

desta escravidão que nos impõem

destas grilhetas invisíveis

meros robôs em mundos alternativos

comandados à distância

dentro de um jogo de computador

a que insistimos em chamar vida

e alguém joga com ela

sem o sabermos

não sei da alma dos poetas

não sei dos poetas

não sei da vida

#### 602. reminiscências, moinhos 22/06/2013

quero regredir à infância

até aos anos da inocência

sonhos ingénuos e aspirações

tudo era bem mais simples e banal

sabíamos de onde vínhamos

repetíamos ciclos de antanho

havia quatro estações

tudo era bem mais simples e banal

estradas lentas com destinos certos

paragens em todos os apeadeiros

plantar uma árvore

escrever um livro

conceber um filho

tudo era bem mais simples e banal

sobreviver à guerra colonial

arranjar emprego

subir na vida a pulso

criar família e viver sacrifícios

e valia sempre a pena

tudo era bem mais simples e banal

#### 617. geometrias, moinhos 02 ago 2013

a elipse veio à janela

mordaz sorriu com malícia

lenta, descreveu um círculo

com um dichote brejeiro

triangulou um piscar de olho

e numa hipérbole sensual

com uma risada estrídula

sentou-se quadrada no meu colo

#### 622. este tempo 14/8/2013

este tempo

que voa sob meus pés

é neto do tempo

que não ambulava

na minha juventude

#### 643. delicodoce, 2 ou 2013

diz a minha mãe

e eu creio nela

que duas tias

quando nasci

me deram muita

água açucarada

mesmo muita

muitas vezes

está explicado o porquê

de eu ser uma criatura doce

#### 654. les parapluies de cherbourg, moinhos, maio 30, 2014

quando a louca de chaillot

encontrou as demoiselles d’avignon

virginia woolf deu um brado

aos pássaros de hitchcock

e bob dylan lamuriou

the times, they are a changing

***664. olhos de musgo, moinhos, 29/8/2014***

espreito a meu lado endormida

a mulher de olhos de musgo

silente nesta pradaria de leitos

sem búfalos nem bisontes

acaricio os seios desta montanha

disforme em tons de musgão

percorro seus vales e desfiladeiros

em cavalgadas eróticas

acordo ofegante nesta areia vazia

olho em volta e vejo milhafres

pairando em círculos sobre a presa

#### 665. canseiras, moinhos, 29/8/2014

a canseira da vida

só vale a pena

se for vivida

[que a canseira da morte

nunca vale a pena

ser morrida]

#### 668 outro céu, lomba da maia 23 janeiro 2015

rafid caminha seguro

sob o seu fez ou taburch

sem tremores nem medos

entra calmamente onde o mandaram

abre a túnica e todos veem

o cinto de explosivos

sobre o cirwal (ceroulas)

e com este gesto

partiu

em busca de 72 barbies no céu

#### 683. geometrias ii, 18/1/2016

saí para a rua

tive um acidente

a vida é uma geometria

primeiro entrei num círculo vicioso

lembrei-me do triângulo amoroso

mas só encontrei bestas quadradas

#### 686 saudade do que nunca foi, 19/2/2016

*«ah, não há saudades mais dolorosas*

*do que as das coisas que nunca foram!»*

*bernardo soares, (heterónimo fernando pessoa),*

*in livro do desassossego (fragmento 92)*

tenho tanta saudade

do que nunca aconteceu

só o poeta pode fazer acontecer

aquilo de que temos saudade

por nunca ter acontecido

#### 701. morrer como o mar aral, 14/10/17

o rio da minha vida está assoreado

a minha barragem secou

as nuvens não trazem chuva

a essência da poesia não se discute

faz-se, escreve-se, lê-se

a poesia liberta-nos

voamos nas suas asas

abrimos todas as grades

o meu destino

é rumar na musa

desaguar na foz

morrer como o mar Aral

#### 705. ainda queria sonhar que havia futuro 25.6.2019

nasci de bruma e de névoa me finarei

se nalguns dias alumiei a triste sina

noutros apaguei a musa divina

com palavras que jamais escreverei

não queria que a terra fosse plana

já temos idiotas quanto basta

religiões e políticos só na cataplana

lume brando com tempero que satisfaça

deem-me outro povo menos manso

gente de sangue na venta

capaz de vencer a tormenta

sair deste letargo deste descanso

capaz de construir um futuro

prender os corruptos

pedófilos e outros abusadores

ter um projeto nascituro

um sonho recompensador

#### 706. veio o outono 22.9.18

quando os esbirros te cercarem

que apenas beijos tapem a tua boca

quando as espingardas apontarem ao teu coração

que apenas rosas sejam disparadas

quando os advogados vierem para te comprar

que apenas dirás sim ao amor

quando vierem para te algemar

que apenas as lágrimas te aprisionem

quando chegarem para roubar o teu voto

que só os teus sonhos sejam arrebatados

quando vierem para te roubar a vida

que apenas te levem o outono

#### 707 votos 2019 26.12.18

que venha um asteroide

ou o planeta nibiru

que yellowstone entre em erupção fatal

ou o filho de cracatoa

ou que o mar vomite

todos os oceanos de plásticos e nos engula

que os maremotos, terramotos destruam esta humanidade

e que 2019 assista a um novo mundo

começando do zero absoluto

#### 710. não quero saber o teu nome, 4.8.2019

não quero saber o teu nome

nem a tua idade

nem o teu bairro

nem o teu emprego

não quero saber a tua riqueza

nem o teu carro

nem as tuas férias

nem a tua família

quero saber como tratas as estrelas

e os animais

quero saber onde nasce teu sorriso

e as tuas lágrimas

quero saber como tratas as nuvens

e a bruma

e o sol pôr

quero saber como sonhas

onde moram teus sonhos

e se neles há lugar para os meus

# planeta timor



pintura de margarida bem madruga, oferta ao cnrt, timor-leste, 1999

#### 547. eleições sem lições em timor, 8 julho 2012

díli 23 setembro 1973

cheguei hoje a timor português

a vinda marcará a minha vida para sempre

sem o saber nunca mais nada será igual

o futuro começa hoje e aqui

entrei no tempo da ditadura

sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,

imagens e odores

sonhos de pátria e amores

divórcios e outras dores

cheguei sem bandeiras nem causas

parti rebelde revolucionário

tinha uma voz e usei-a

tinha pena e escrevi sem parar

pari mais livros que filhos

para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura

24 de luta independentista

agora que a lois vai cheia

e não se passa na seissal

já maromác se apaziguou

crescem os lafaek nos areais

perdida a riqueza do ai-tassi

gorada a saga do café

resta o ouro negro

para encher bolsos corruptos

sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas

sem luz, água ou telefone

repetindo gestos seculares

mascando sempre mascando

o placebo de cal e harecan

mas com direito a voto

para escolher quem o vai explorar

sob a capa diáfana da lei e ordem

do cristianismo animista

oprimido sim

mas enfim livre.

#### 548. queria ser toké 11 julho 2012

eu queria ser toké e contar o que vi

desde que partiste em 1975

queria saber falar

dar os nomes os locais e os atos

de todas as atrocidades, violência e mortes

que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser toké e escrever tudo

queria contar o que não querem que se saiba

queria contar o que não queriam que se visse

queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos

que extinguiram a nossa história

como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas

todos os que foram chacinados

violados, torturados e obnubilados

voar com as crianças que morreram de fome

as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te timor

e não posso senão escrever palavras

lembrar teu passado heroico

sonhar futuros ao teu lado

#### 549. alucinação na areia branca (timor) 11 julho 2012

era maio em 1975

havia luar na areia branca

sem ondas na ressaca

caranguejos azuis na fina areia

baratas voadoras à frente dos faróis

eram pequenos os lafaek e raros

quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em díli

o escuro dos montes

entre nós e o ataúro

deslizavam barcos espiões

antecipavam a komodo

ensaiavam invasões

corri a alertar

ninguém quis ouvir

escrevi e denunciei

chamaram-me alucinado

nunca imaginei o genocídio

#### 550. timor nas alturas 15 julho 2012

queria subir ao tatamailau

pairar sobre as nuvens

das guerras, do ódio, das tribos

falar a língua franca

para todos os timores

queria subir ao matebian

ouvir o choro dos mortos

carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco

consolar as vítimas de liquiçá

beber o café de ermera

reconstruir o picadeiro em bobonaro

tomar banho no marobo

ir à missa no suai

buscar as joias da rainha de covalima

passar a fronteira e voltar

chorar todos os conhecidos e os outros

e quando as lágrimas secassem

à minha palapa imaginária regressaria

à mulher mais que inventada

um pente de moedas de prata ofertaria

vogando nas suas ribeiras e vales

sussurrando no espesso arvoredo

desaguando no vale de vénus

nos seus beiros navegaria

ao ataúro e ao Jaco rumando

desfrutando a paz e as belezas ancestrais

ouvindo os tokés e as baratas aladas voando

os insetos projetados contra as janelas

atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira

todos se lembram menos tu

#### 551. lágrimas por timor, até quando? 16 julho 2012

confesso sem vergonha nem temores

hoje os olhos transbordaram

lágrimas em cascata como diques

pior que a lois quando chove

o coração bateu impiedoso

os olhos turvos a mente clara

as mãos trémulas de impotência

nas covas e nas valas comuns

muitos se agitaram com a morte gratuita

mais um casal de pais órfão

mais um filho varado às balas

sem razões nem justificações

poucas vozes serenas se ouviram

velhos ódios, vinganças acicatadas

o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo

sem alguém capaz de governar para todos

sem alguém acima de agendas pessoais

sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75

udt e fretilin

a invasão indonésia e o genocídio

faça-se ou não justiça

é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão

um sonhador, um utópico

um poeta como xanana já foi

alguém que ame timor

mais do que ama suas crenças

mais do que ama suas ideias

mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher

sensível e meiga

olhar almendrado

pele tisnada

capaz de amar

impulsiva para acreditar

liberta de injustiças passadas

solta de ódios, vinganças e outras

capaz de depor as armas

todas e liderar.

#### 685 dili inundado, 6, fevº 2016

maromác zangou-se

as ribeiras transbordantes

em dili nada mudou

tudo alagado como dantes

décadas depois

nem os milhões do petróleo

dominam as águas

passados quarenta anos

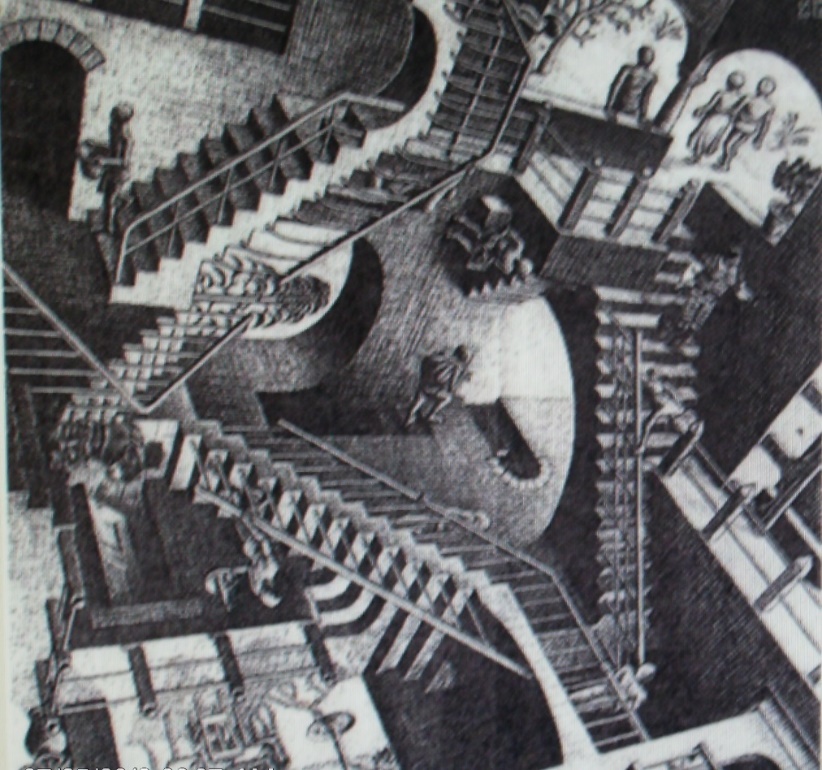
sem dinheiro para voltar

dominam-me as mágoas

a minha saudade

rima com verdade

# planeta galiza



#### 691. galiza morres sozinha (moinhos 17/2/2017)

*(este parte*

*aquele parte*

*e todos todos se vão)*

galiza morres sozinha

morreram-te as gentes

mataram-te a língua

roubaram-te as riquezas

galiza morres sozinha

esqueceram a tua história

enterraram teus heróis

castraram-te as memórias

galiza morres sozinha

abri as portas e o coração

ressuscitei pedras e lendas

escrevi poemas e laudas

e acreditei que renascias

galiza morres sozinha

nas tuas aldeias desertas

nas ruas e cidades colonizadas

no desprezo dos portugueses

nos livros que ninguém lê

não morras sozinha galiza

deixa-me catar-te

e viverás!

#### 692. portugaliza (moinhos 17/2/17)

este país rima com sal

nunca nada está bem

e tudo vai sempre mal

insatisfeitos

impotentes

impávidos

incapazes

ingratos

incompetentes

quisera eu

pudesse eu

e dava-te um nome

portugaliza

# planeta açores



#### 510. lancha do pico ao dias de melo (pico, 9 agosto 2011)

lá vem a lancha

lá vem

traz imigrantes, viajantes

memórias vãs por limar

da terra, do fogo

do tempo sem prazo

da fome e do medo

das socas de milho

das pedras por maroiçar

votaram com os pés

fizeram-se ao mar

sem botes nem baleias

para a lonjura das amercas

novas vinhas por esmoutar

voltam abonados

impantes de dólas

sem sueras nem albarcas

ao rossio do mar

lampeiros, apatacados

emigrantes mendigos

de memórias por aparar

perderam as terras

ganharam o mar

lá vem a lancha

lá vem

a bordo não traz ninguém

picarotos perdidos

como só esta ilha tem

comem e bebem

reveem parentes

e gente de bem

perdidos em tempos idos

repetem saudades dos entes

sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões

pagam dízimos e promessas

missas por alma de quem partiu

emigrados em amarcanas missões

lágrimas da ilha que os repeliu

do sangue fizeram vinho

do magma medraram uvas

em terra de rola pipas

debouçam bocainas, traveses e jarões

plantam casas e novos luxos

nas ilhas vazias de gente

com leiva de memórias idas

musgo de antepassados

à espera de filhos e netos

sem regressos nem partidas

lá vem a lancha

lá vem

vazia

já não traz ninguém

#### 546. polenizar palavras, ao eduardo bettencourt pinto, 3 julho 2012

vinhas de manso

com palavras nos pés e pegadas na boca,

nos olhos liam-se mensagens,

nas mãos havia amor

e nos cabelos a tua ave era liberdade

ou então trazias borboletas nos olhos

arcos-íris nos cabelos

nas mãos escrevias poesia

e nós ouvíamos deleitados

as aves calaram-se

as árvores aplaudiam com sua folhagem

os ribeiros regurgitavam nas levadas

o céu limpava-se de nuvens

o vento polenizava as odes

sementes de frutos futuros

eras o livro e não o sabíamos

#### 557. (ao luiz fagundes duarte), açores 16 ago 2012

estar numa ilha é um modo de vida

por vezes sinto-a prisão sem grades

rodeado de mar, céu e vacas

aves e peixes que não me falam

pessoas com passados heroicos

gestas de povo sofrido e resignado

de basalto e pedra-pomes também

gente que veio no mar e a ele se condenou

em terra e nas ondas dos baleeiros

quando a terra não tremia

e os vulcões estavam silentes

mares de mil e uma cores

do azul ao negro e ao vermelho do sangue

cheio de monstros e poucas sereias

gente que veio com sonhos e fomes

sofreu a escravatura infame dos senhores

feudalismos tardios e encobertos

a coberto do manto da igreja

em troco de promessas etéreas

suor, lágrimas e sacrifícios

povo que dominou fajãs

gente que criou maroiços

construiu ambições e voou

para outros países sem deixar este

à roda do qual o mundo gira

e regressam sempre e sempre

superando os que ficaram

e construíram estas nove ilhas

do enorme orgulho pátria

ser açoriano é ser único

em nove identidades afins

não sei descrever os sons

os cheiros, as cores, os paladares

todos iguais, todos diferentes

todos açorianos

aceito este destino estrangeiro

moldo-me e adapto-me

ao clima e ao ritmo

a esta velocidade lenta

de início de mundo

a este fatalismo ingente

a estas devoções salvadoras

às promessas com que se enganam

romagens de comprar perdões

folclores e tradições recriadas

alheios ao que roda lá fora

toleram a autonomia que não têm

e no meio destas gentes

surgem escritores, poetas, autores

neles me encontro e observo

imagem refratada doutro espelho

o lado de lá do eu

até quando?

#### 559. alabote 2, 16 agosto 2012 (ao vasco p da costa e e.b.pinto)

o mar de novo

e sempre

as ondas e a espuma

sem sabor a maresia

esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar

numa ilha

#### 565. solitudes 31 dezembro 2012

solidão não me assusta

estar sozinho sim

silêncio não me assusta

solilóquio sim

inverno não me assusta

cinzento sim

multidões não me assustam

estar só no meio delas sim

a poesia é uma arma

carregada de solitude

solidão nos açores

é viver nas ilhas

enquanto o mundo

se destrói lá fora

#### 568. sem perfume de caju, ao urbano bettencourt 18 janeiro 2013

na humidade da savana

no calor da tabanca

tange urbano a sua harpa

palavras aceradas como o vento suão

batuque abafado na bolanha

longe do país de bufos e beatas[[1]](#footnote-1)

traduzes as sílabas de morte e vida

rumores desse cheiro de áfrica

que nunca conseguiste lavar

colado na pele que esfregas

com napalm e metralha

nem com as chuvas da monção

#### 573. fados e sambas, 5 abr 2013

ser ilhéu é um fado triste

entoado como um samba alegre

cantigas ao desafio

cantorias desgarradas

os corpos e as palavras

pintam realidades inesperadas

todos ficam todos partem

em dia de são vapor

tão longe sempre perto

em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste

entoado como um samba alegre

manta remendada de nove cores

tapete voador da saudade

sementes da memória

nas paredes do tempo

rasgando o silêncio

mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril

filho de muitas ilhas

choro este fado

#### 574. soletras autonomia, 14 abr 2013

ilhas de névoas e gaze

de novelões e conteiras

do verde e do azul

ó gente de basalto

quem canta a tua gesta?

terras de maroiços

cais de rola-pipas

mar imenso abraseado

lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos

republicanos presidentes

poetas, pintores e artistas

anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas

do passado feudal

da escravatura da fé

do atavismo ancestral?

soletras autonomia

gaguejas liberdade

titubeias emancipação

com laivos de insubmissão

como a irmã galiza

cicias um 25 de abril

que tarda em chegar

#### 576. onde os açores não voam, 16 abr 2013

tu que nasceste açoriano

nem vais acreditar

onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate

não fui aos 2 mil anos de persépolis

não cacei leões na gorongosa

não comi chicharrinhos em rabo de peixe

não vi petra nem os budas de bamiyan

nem vi índios de roraima

não fumei ganza nas praias de goa

nem fui em adoração a katmandu

nunca cheguei a machu picchu

nem a hotel de gelo nórdico

nadei na areia branca em dili

em cheoc van em coloane

em bondi de sydney

em kuta beach de bali

em pattaya tailandesa

no bidé das marquesas de s. martinho do porto

na praia azul de espinho

nas águas límpidas de daydream island

nas areias de byron bay

banhei as mãos em tijuca

as cataratas do niágara molharam-me

vi o sol a pôr-se na lapónia

e a nascer em bobonaro

vi sóis, luas, mares e céus

no faial, pico e flores

e nas 3 ilhas santas dos açores

nadei em rottnest island

comi em fremantle

dormi em towal creek comara

vivi no amial, maria pia e campo lindo

mafra, tomar e leiria

bobonaro na montanha

lecidere em dili

nas antas e em macau

cottesloe e claremont em perth

waverley, centennial park

randwick em sydney

prahran em melbourne

e em caminha

sou de bragança sem lá ser parido

sou australiano sem lá ter nascido

carrego frações da galiza e do brasil

de cristãos novos e alemães

minhotos e marranos

das cruzadas até áfrica

onde nunca estive

e de todos esses locais

que terás de buscar num mapa

encontrei as tuas ilhas

nelas serei açoriano até morrer.

#### 580. primaveras 3, (à ni), 3 maio 2013

trazias primaveras nos cabelos

e verões no olhar

demos as mãos e rumámos ao futuro

voamos nas asas do vento

vivemos vulcões, tremores e furacões

cruzámos mares e continentes

perdemos o norte e o rumo

encontrámos paraísos desconhecidos

sussurrámos promessas e sonhos

navegando as asas da açorianidade

#### 584. autonomias, moinhos, maio 10, 2013

arquipelágica

nasceste para as palavras

sísmica

nasceste para a fé

vulcânica

nasceste para as lendas

autónoma

nasceste para a liberdade

que um dia terás

#### 589. a dama de gaze (a daniel de sá na sua morte), 28 maio 2013

a dama de gaze veio na bruma

sorrateira, silente, sem avisos

com passos de veludo

e mensagem nas mãos

trazia apenas um título

escritor, maia

assim, sem mais delongas

sem discutir nem tergiversar

levou o autor

ficamos todos mais pobres e sós

teremos de o reler

e de novo cavaquear

terçar argumentos

e quando a bruma voltar

lembraremos o daniel de sá

que a dama de gaze levou

#### 594. autonomias nominais (fla, 6 junho 2013

*“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”*

voltaire

hoje acordei sem voz

sem mãos,

sem pés

sem coração.

habito nove ilhas de mil cores

arquipélago de mil autores

num fiasco de autonomia

pobreza sem alegria

na independência poucos confiam

em busca de subvenções porfiam

melhor é ficar mudo e quedo

viver dos subsídios esmoleres

submissos e acomodados

pobres despreocupados

servos enfeudados

ingénuos explorados

na eterna espera de godot

de um mandela que não nasceu

assim se explicam os açores

ilhas de mil e uma dores

#### 596. da minha janela, moinhos, 7 junho 2013

*o mar é deus*

*as ondas a sua palavra*

*os romeiros alimentam-se dela*

(poema tuaregue adaptado aos açores)

disse o poeta a seu tempo

da minha janela vejo o mar

o meu quintal é enorme

abarca a linha do horizonte

a minha janela é enorme

abre-se ao círculo dos céus

o meu oceano é enorme

chega às ruínas dos atlantes

só a minha escrita é pequena

nas grades desta prisão

#### 598. há dias, 13 junho 2013

há dias assim

uma pessoa acorda

e começa a chamar nomes

a tudo e a todos

mesmo à própria ilha

marafona, meretriz

prostituta, pécora,

rameira, messalina,

mona, michela,

croia, perdida,

mundana, devassa,

colareja, galdéria,

pinoia, zoupeira,

pega, puta.

há dias assim

uma pessoa acorda

com autores açorianos

que é melhor só conhecer

pelas obras publicadas

há dias assim

uma pessoa acorda

e sem querer,

a escrita fica igual à ilha

e não há barco nem avião

nem saída desta prisão

#### 605. são jorge, lembrança fútil, 11 julho 2013

não há noites silentes

cantam os cagarros

dançam sedutores

sob o luar e o rossio

e tu, malino, arfavas

tórridas sessões de amor

esta a lembrança fútil

da terra das fajãs

o pavor da descida

o espanto do isolamento

a força sobrevivente

as cruzes no pico da esperança

assinalam o fatídico erro humano

mais uma tragédia montanhosa

como tantas outras

no pico da vara,

na lagoa de fogo

terra de dor e sangue

de fé e procissões

de fomes e tremores

de vulcões e emigrações

#### 606. viola da terra, ao rafael carvalho, 14 julho 2013

não fui a alfama ouvir o fado

não dancei o vira em viana

nem vi as sete saias da nazaré

não dancei a chamarrita do pico

não sambei em copacabana

nem andei com os pauliteiros de miranda

não fiz teatro de sombras em bali

nem teatro em patuá de macau

e estive lá em todos os locais

mas encontrei-me com a viola da terra

à moda da ribeira quente

plangente com o rafael carvallho

rompendo o basalto e as brumas

era a voz de um povo silenciado

libertando-se em suaves melopeias

pairando sobre nuvens e ondas

tocando a alma deste povo açoriano

#### 615. brumas 02 ago 2013

eram de espuma

as palavras

eram de sal

as ondas

eram de gaze

as nuvens

eram de orvalho

as lágrimas

eram de névoa

os montes

o verde surreal

as lagoas

eram de medos

os vulcões

e procissões

eram de espuma

as ilhas dos açores

#### 620. ao álamo, moinhos, 11 ago 2013

nesta modorra matinal

parado na contemplação de mar

lendo murmúrios com vinho de missa [[2]](#footnote-2)

ignoro os corpos e as areias

olvido copos e sereias

e imagino que o mundo acabou

pode ter sido um asteroide

ou tsunami ou vulcão

e nós aqui na calma açoriana

sem saber nem sentir

continuamos a fruir a vida

se o mundo acabasse agora

não daríamos conta

nem o padre raúl nos salvava

nem a professora lucília o narrava

#### 624. permanências (à judite jorge), moinhos, 16/8/2013

esta gente daqui e dali

até do loural onde já fui

tem todo o tempo do mundo

nas permanências da judite jorge

esta gente daqui e dali

tem o respeito e o medo

o isolamento e a distância

esta gente daqui e dali

só tem futuro fora da ilha

mesmo sem sair dela

esta gente daqui e dali

viaja um harmonioso roteiro

no difícil equilíbrio das agruras

nas permanências da judite jorge

esta gente daqui e dali

entre ter e ser

ficar e partir

tece a bela açorianidade

#### 625. ribeira submersa (à maria luísa soares), moinhos, 16/8/2013

aqui nos moinhos

sem submersa ribeira

revisito os poemas

palavras gémeas

doutras águas

a vida em imagens curtas

no paradoxo do ser-não-ser

reinvento o espanto

nas rédeas do vento

na memória da ribeira

que já não ruma ao mar

#### 631. ilhas, moinhos, 20/8/2013

estar numa ilha

é como viver num cais

à espera do barco que nunca chega

viver numa ilha

é sonhar

construir a jangada

desfraldar velas

estar numa ilha

é ir para o campo

plano e raso

à espera que construam

o aeroporto

a única forma

para viver numa ilha

é imaginá-la à saramago

como um continente à deriva

estar na ilha

é imaginar a fuga

sonhar com a saída

levá-la a reboque dos sonhos

embarcar nas nuvens

vogar na maré baixa

planar nas asas dos milhafres

e voltar sempre

ao ponto de partida

#### 632. ser açoriano, moinhos, 19/8/2013

não se é ilhéu

por nascer numa ilha

é preciso sentir-lhe a alma

partilhar raízes e dores

acartá-la nos partos difíceis

tratá-la nas enfermidades

acariciá-la nas alegrias

plantar, semear e colher seus frutos

alimentar as suas tradições

preservar a sua identidade

não se é açoriano

sem amar as suas ilhas

levá-las ao fim do mundo

morrer por elas

com elas

para elas

#### 637. o fim do mundo, moinhos, 21/8/2013

neste remanso micaelense

nesta paz podre e pobre

a vida procede inexorável

na lentidão secular

já o disse e repito

o mundo podia acabar hoje

e nós sem nunca o sabermos

#### 641. aos açores, moinhos, 24/8/13

…

aos açores só se chega uma vez

depois são saídas e regressos

transumâncias

trânsitos e errâncias

…

dos açores não se parte nunca

levamo-los na bagagem

sem os declararmos na aduana

acessório de viagem

como camisa que nunca se despe

…

nos açores nunca se está

a alma permanece

o corpo divaga

mas a escrita perdurará.

#### 645. nostalgia, poema a duas mãos (joana félix e chrys) 13 outubro 2013 escreve-me  cartas em papel  com cheiro a tinta e  palavras repetidas, daquelas que  já não se dizem. mas que sejam de carne e de sangue  para enganar a ausência. (joana félix)

quero sentir o teu cheiro

no papel da carta que escreverás

quero sentir o teu coração

nas letras que desenharás,

quero sentir a tua alma

no papel amarelecido

das cartas que escreveste... (chrys)

#### 652. literários voos, moinhos, 30 maio 2014

o pássaro furtivo

veio debicar a palavra

migalha de frases

que o poeta jorrara

na ilha do arcanjo

e noutras ilhas dos açores

os pássaros chilreiam poesia

#### 653. sair da ilha, moinhos, maio 30, 2014

o marulhar das águas

embala caleidoscópios

sem âncoras nem amarras

vogamos sem destino

ao sabor dos ventos

o importante é sair da ilha

alijar bagagens

nascer de novo

longe, bem longe

lá, onde se aprende a saudade

#### 657 erupções, ao dr gaspar fructuoso 28/08/2014

imponente o bispo

dom frei jorge de santiago

de mitra e báculo

na chuvosa tarde

de 29 junho 1563

abençoou a multidão de crentes

de cabeças baixas e compungidas

os aterrorizados crentes

persignaram-se afligidos

ouviram o forte ribombar

um trovão das profundezas

e o chão abateu-se a seus pés

durante cinco dias sem parar

destruindo as suas cafuas de palha e feno

#### 660. demo-cracia, moinhos 29/8/2014

tanto mar, tanto sal

tanta dor em portugal

primeiro foi-se o império

depois finou-se a ditadura

hoje agoniza a democracia

sujeita à banca e à usura

e neste recanto da ilha do arcanjo

sonha-se poesia e utopia

como se ainda houvesse esperança

ou o político se vestisse de anjo

por entre crimes e desgovernação

tanto mar, tanto sal

tanta dor em portugal

#### 671 eu fui, fundão 31.3.2015

eu fui a seia e ceei

eu fui ao fundão e afundei-me

eu fui à guarda e guardei-me

eu fui ao douro e dourei-me

eu fui a olhão e olhei-me

eu fui ao coa e coei-me

eu fui às flores e flori-me

eu fui à praia e espraiei-me

e o urbano b disse

eu fui ao pico e piquei-me

#### 675 mar e bruma (moinhos 18/7/2015)

todos os poetas

que escreveram sobre os açores

gastaram a palavra mar

e a bruma

a mim para escrever açores

resta-me a palavra

amar

#### 676 o ruído do poema, (moinhos 20/8/2015)

o ruído do poema

enche o silêncio da palavra

pássaro fugaz

alquimia breve

há magias por decifrar

na negra lava

vulcões silentes

no ruído da palavra

no porto de abrigo

sem naus nem caravelas

palavras mudas

no ruído do poema

#### 677. graciosa ilha (moinhos, 20/8/2015)

era graciosa a ilha

graciosa no nome

graciosa na postura

de gente de bem

afeita às lides da terra

era graciosa a ilha

graciosos os dons musicais

graciosos os pianos

das damas da ilha

afeitas às lides do amor

aqui irei compor

uma sonata inacabada

#### 678 autonomias açorianas 2015 (moinhos, 20/8/2015)

a independência é o fim

último das autonomias

de nada serve criar

sonhos grandiosos

(de independência)

em fundações movediças

mais valera criar

realidades funcionais

(de autonomia)

assentes na instabilidade destes vulcões

de nada serve sonhar

sem lançar alicerces

de cultura e educação

só um povo culto e educado

pode ser libertado

só um povo autónomo

pode ser independentizado

#### 699. cantiga de amigo, ao eduardo bettencourt pinto, 2 agosto 2017

amaste áfricas imensas

desbravaste a savana

acariciaste brumas e hortênsias

amadureceste no canadá

cada foto um poema

cada poema um filme

e agora josé?

tempo de pegar no sacho e ancinho

arar os campos de novo

cavar, semear, regar e colher

os frutos que te irão alimentar

embiocado e tímido

assomarás à janela da vida

sem saudades nem lamúrias

buscar forças nas fraquezas

sonhar de novo e sorrir

o mundo espera por ti

#### 702. PICO ao urbano Bettencourt 24/11/17 moinhos

no rossio do mar

plantei as vinhas da vida

nos poços de maré

bebi água insalubre

nas bocainas, jarões e traveses

colhi o néctar dos czares

esta é a magia da ilha montanha

nela me sento e me sinto

órfão da atlântida perdida

#### 703. mar de palavras, à Ana Paula andrade lomba da maia 6.1.2018

parti as palavras

como quem parte pedra

com elas calcetei avenidas

de sonhos incumpridos

plantei catos e cardos

como quem planta rosas

colhi espinhos

como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei

brotaram palavras felizes

neste mar de letras que habitamos

# Índice

## [Planeta Chrys](#_planeta_chrys)

[509](#_509._(maria_nobody,)

563

564

571

572.1

583

588

590

602

617

622

643

654

664

665

668

683

686

701

705

706

707

710

## [Planeta Timor](#_planeta_timor)

547

548

549

550

551

685

## [Planeta Galiza](#_planeta_galiza)

691

692

## [Planeta Açores](#_Planeta_Açores)

510

546

557

559

565

568

573

574

576

580

584

589

594

596

598

605

606

615

620

624

625

631

632

637

641

645

652

653

657

660

671

675

676

677

678

699

702

703

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  |  |  |

1. In Urbano África frente e verso p. 62 [↑](#footnote-ref-1)
2. ÁLAMO OLIVEIRA, 2013 [↑](#footnote-ref-2)